

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 2 – A diferença que o cristão faz

Mateus 5. 13-16

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

Deixamos nosso último encontro com um desafio para tentarmos identificar em nossa vida as características que Jesus afirmou que os discípulos dEle devem ter. Hoje, ao recordar os conceitos ventilados naquela oportunidade, apresentamos a conclusão de Stott sobre este tema. Certamente nesta conclusão encontraremos material precioso para a nossa reflexão deste dia, que vai dar continuidade ao Sermão que nos propusemos a estudar. Diz o renomado autor: “as bem-aventuranças pintam um retrato compreensivo do discípulo cristão. Primeiro, vemo-lo de joelhos diante de Deus, reconhecendo sua pobreza espiritual e chorando por causa dela. Isto o torna manso ou gentil em todos os seus relacionamentos, considerando que a honestidade o compele a permitir que os outros pensem dele aquilo que, diante de Deus, já confessou. Mas, longe dele aquiescer em seu pecado, pois ele tem fome e sede de justiça, anseia crescer na graça e na bondade.

“Vemo-lo, depois, junto aos outros, lá fora, na comunidade humana. Seu relacionamento com Deus não o faz fugir da sociedade nem o isola do sofrimento do mundo. Pelo contrário, permanece no meio deste, demonstrando misericórdia àqueles que foram golpeados pela adversidade e pelo pecado. Ele é transparentemente sincero em todos os seus relacionamentos e procura desempenhar um papel tão construtivo como pacificador. Mas, ninguém lhe agradece pelos esforços; antes, é hostilizado, injuriado, insultado e perseguido por causa da justiça que defende e por causa do Cristo com o qual se identifica.

“Tal é o homem ou a mulher que é “bem-aventurado”, isto é, que tem a aprovação de Deus e alcança realização própria como ser humano.”

Após haver descrito para os discípulos quais seriam as características do caráter daquele que se diz discípulo, Jesus inicia o discurso propriamente dito com duas metáforas bem familiares aos ouvintes e que significavam a influência que tais discípulos exerceriam neste mundo. “Vós sois o sal da terra...vós sois a luz do mundo...” afirmações que não deixam margem a qualquer dúvida. Jesus não disse que deveríamos ser, mas que somos. E temos que concordar com Ele que, se todas as características do caráter de um discípulo fazem parte da nova natureza do crente, então efetivamente nós, os que decidirmos seguir a Jesus, somos sal e somos luz.

A maioria dos amados ouvintes já lidou com esta passagem e está bem familiarizada com os significados do sal e da luz neste contexto. Mas, quando o Espírito Santo ilumina o nosso entendimento, sempre poderemos encontrar algo novo, desafios que antes haviam passado despercebidos e que agora nos parecem claros e gigantescos. Portanto, antes de pensar que já conhece tudo sobre sal e luz, eu o convido a aquietar o seu coração e caminhar conosco nestes breves minutos de que dispomos.

Vamos desenvolver nosso tema enunciando algumas observações importantes e as apresentaremos a partir do trabalho de Martyn Lloyd-Jones,

renomado pregador, que pregou durante bons anos sobre o Sermão do Monte.

1. O mundo (humanidade não regenerada em Cristo), tende à podridão, à imundícia. Isto ocorre em função do domínio do pecado. É pelo domínio do pecado que temos os conflitos armados, a maldade, os assassinatos, mentiras, roubos.
2. Quando Jesus afirma que o crente é sal e luz, ele estava fazendo referência ao crente comum, como eu e você somos. Não pensava em crentes espetaculares, como achamos que alguns o são.
3. O sal, que é diferente do material ao qual é aplicado, mesmo em pequenas quantidades, permite que a matéria salgada seja preservada. O crente é pessoa diferente de todas as outras criaturas humanas. Ele é tão diferente quanto Jesus era da sociedade onde estava inserido. Já aqui percebemos o desafio deste ensinamento.
4. O sal, além de preservar, tem a função de prover sabor. Então, não será difícil compreender que, sem o cristianismo bíblico, a vida neste mundo seria insípida. Talvez esteja aqui a causa de tantos suicídios, desavenças, vícios, doenças mentais e etc.
5. Essa função de sal é individual. Não é para a Igreja ser, é para os membros da Igreja, na sua individualidade, serem. Com este pensamento queremos dizer que a responsabilidade do crente em salgar e preservar não pode ser descuidada.
6. O mundo está em trevas. Por que dizemos isto? Em 1 João 5,19 lemos: “sabemos que somos de Deus e que o mundo jaz no maligno.” Jesus, quando estava entre nós, afirmou, consoante registro em João 8,12b: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida.”. Então, ao dizer “vós e somente vós sois a luz do mundo”, Jesus tornava bem claro que, por intermédio dEle, que é a Luz, nós seríamos a luz para as trevas deste mundo. Vale recordar o contido em Efésios 5,8 onde lemos: “Porque noutra tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz.”
7. Quando Jesus afirmou “vós e somente vós sois o sal da terra e vós e somente vós sois a luz do mundo” mencionou o sal antes da luz porque o mundo primeiro observa aquilo que o crente é e somente depois percebe o que o crente faz. Muito interessante compreender este ponto.
8. O que faz a luz? Ela dissipa as trevas. Mas também explica as trevas. Quando o crente ilumina um ambiente, quem ali estava percebe que houve luz e essa luz denuncia que estavam em trevas. Há muita gente vivendo em trevas sem ter noção do que acontece e a razão é que ainda não tiveram contato com a luz, que é Jesus.
9. Quando a luz chega, com ela vem o anúncio do caminho para a saída das trevas. Este caminho é Jesus.

Uma vez conhecidas essas questões, vamos tentar clarificar três pensamentos que normalmente temos, quando nos deparamos com a resposta à pergunta: por que devemos ser sal e luz?

Em primeiro lugar, porque é exatamente isto que se espera de nós. A função primária do sal é ser salino e o propósito da luz é iluminar. Jesus disse que o crente é sal e é luz. Então, precisamos dar sabor e iluminar.

Em seguida, devemos ser sal e luz porque, se somos crentes verdadeiros, se Jesus transformou o nosso coração com o novo nascimento, não poderemos ocultar que temos uma nova natureza. Se for possível ocultá-la, então seremos inúteis. Nada existe de mais inútil do que um crente nominal, formal, sem compromisso com o Senhor Jesus.

E, por último, precisamos estar atentos ao suprimento que precisamos receber, para sempre salgar e sempre brilhar. Não é suficiente termos o azeite, é preciso aparar constantemente o pavio. Este é um processo contínuo.

Essa ação de ser sal e de ser luz precisa ser exercida de modo tal que o nosso Deus seja glorificado. Esse é o ensinamento de Jesus para nós hoje. Em Mateus 5, 16 nós lemos: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.”

Querido ouvinte, eu gostaria de lhe perguntar: você sente que a sua vida faz diferença para este mundo? Você se sente sal e luz? Pense sobre isto. Até o próximo encontro.

Apoio bibliográfico:

- CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus. 2002
- CHOURAQUI, André. Matyah – O Evangelho Segundo São Mateus. Rio de Janeiro: IMAGO. 1996
- DAVIDSON, F. editor. O Novo Comentário da Bíblia – vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- LLOYD-JONES, Martyn. Estudos no Sermão do Monte. São José dos Campos: Fiel. 1999
- STERN, David. Comentário Judaico do Novo Testamento. Belo Horizonte: Atos. 2008
- STERN, David. O Novo Testamento Judaico. São Paulo: Vida. 2007
- STOTT, John R.W. A Mensagem do Sermão do Monte. São Paulo:ABU-Editora. 1993
- TASKER, R.V.G. Mateus. Introdução e Comentário. São Paulo: Mundo Cristão. 1988